

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA—Desterro, 23 de Julho de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 14

CREPUSCULO

Desterro, 23 de Julho

Instrucção popular

A verdade é a grande luz dos povos: ella deve ser dita tanto a grandes como a pequenos.

A sociedade, armada de um código é a imagem de um guerreiro destemido, que não escolhe a quem fere, tanto que defenda a honra da Patria, é a preciosa guarda do individuo.

Hoje pouco se escreve para o publico.

O sarcasmo, arma predilecta de espiritos baixos, vis, superficiaes e parvos, só fere a quem o atira.

A imprensa, a folha solta da litteratura—o util jornal—deve tambem ter uma regra como tem o pensamento: nunca enlamear-se como acontece ás nossas botas que são encarregadas de nos dirigir nos caminhos do mundo.

O espirito publico se agrada mais com o simples honesto e bom do que com o eloquente perverso e máo.

Principalmente quando se começa é que torna-se necessario a maior circumspecção no escrever.

Somos obrigados a ler bons auctores, sejam estes antigos ou modernos, porque a litteratura tem tambem a sua nobre historia do desenvolvimento, como tem-n'o o espirito.

Tantas cousas uteis ha para desenvolvimento da nossa intelligencia, sem necessitarmos ir ao carcere immundo de assumptos criminosos.

A humanidade é uma só, da qual somos os membros muito distinctos, pela palavra, pelo pensamento, e sobretudo pelo raciocinio que nos deve affastar do resto da creação.

Ahi está a aurora com todos os seus risos, brilhantismo, encantos e bellezas immortaes.

Ahi está a noite com todo o sequito immenso de estrellas.

Contemplemol-as.

Sejam estas formosas imagens para o desenvolvimento desejado da nossa intelligencia.

Ahi está um orphão que chora, sem

pae, sem mãe, sem parentes. Accorda a consciencia publica, protegei-o.

Uma mãe não tem com que alimentar os filhos, chamae a caridade, protegei-a.

E' esta a missão da intelligencia esclarecida, só o bem e nada mais.

Imprensa! consultora benevola dos povos, luz radiante, filha de Guttemberg, quão mal te comprehendes!

Já não serás a mesma que ajudaste a Franklin!

Tu, cujo renome atravessará eternamente os seculos, enquanto existir o pensamento, tu, que és a verdadeira conductora dos povos, não consintas que te desçam aos covis do Catilina.

Sê soberana.

Contos originaes

IV

A luz frouxa e indecisa dos primeiros alvôres d'aurora começava a dissipar as espessas sombras da noite, afugentando d'entre os cyprestes os pegureiros mochos, quando Simeão e Alzira, ao despertarem do somno benefico e tranquillo que, por algumas horas, lhes fizera esquecer o abrigo da modesta casinha e os desassocegos de espirito, cheios de continuas afflicções que tanto os magoaram, a custo e cheios de espanto, recordam-se que aquelle lugubre e silencioso retiro em que dormiram era a solitaria paragem de um cemiterio!

O pobre velho, orvalhado pelo sereno da noite, tremulo e admirado, não profere a mais leve queixa, e, no entanto, cheio de compaixão e ternura, seu coração estala de dôr ao observar sua neta tremer de frio e pavor; porém, animando-a, depressa procura regressar á pobre choupana que havia ficado isolada.

Alzira, essa meiga e tristonha florinha rociada pelas gotas do inverno, estupefacta, de si para si interroga qual o imperioso motivo que os arrastara a permanecerem n'aquella solidão, e, não podendo concebê-lo, julga todo aquelle mysterio envolto n'um horroroso sonho! Sem se manifestar pos-

suida do menor sentimento a seu bom avô, ao qual guarda tão profundo respeito quanta immensa amizade, por sua vez mostrando-se forte, tambem dirige-lhe animadoras palavras e põe-se ambos a caminho.

Eil-os que proseguem pelo largo atalho que os conduz á choupanha. Tão depressa os pobres e modestos peregrinos lá chegam como tratam de mudar as humedecidas véstes.

O sol, com os seus fulgurantes raios absorvendo as frias lagrimas da madrugada n'um effluvio de oiro, lá das assetinadas gazes coloridas, começava serenamente a salpicar laminas doiradas nas crystalinas fontes; e, como fiel mensageiro de Deos, brilhando cheio de vida nos seios das extensas mattas virentes, desperta a passarada immensa que, adejando alegre nas balsamicas campinas, sorve o nectar delicioso das florinhas campastres, e dispersa, elevando-se pelos ares, pousa nas arvores mais altas d'aldeia, ou no ponto mais culminante da serra, para de mais longe, respirando o ar purissimo da manhã e ornando, como maravilhas, a prodiga natureza, de mais perto, em melliflua linguagem saudar ao Creador.

A aragem perfumada pelas emanações das flôres, expandindo-se pelos campos d'aldeia, gemia com doce harmonia por entre a ramagem dos salgueiros, produzindo um cadencioso murmurio nos limpidos ribeiros que beijavam a verde relva das suas graciosas margens; e a aldeia, como uma virgem casta e risonha, coroada das imponentes maravilhas da natureza, offerecia um admiravel e soberbo espectáculo aos pobres lavradores que, cheios de vida, com as fronte tismadas pelo rigor do sol, satisfeitos, depondo fervorosos beijos em cada um dos innocentes filhinhos, saudosos, com as enxadas aos hombros, dirigem-se ao campo, que os chama para o rude trabalho.

As humildes pastoras, modestamente vestidas, umas em companhia dos fieis esposos e rodeadas dos pedaços de sua alma, pranzenteiras, conduzem o gado ao campo; outras ao lado das constantes amigas, á sombra das arvores fronteiras ás suas choupanas, proximas á

de Alzira, ora trabalham cantando, ora conversam e admiram a immensidade de matisadas borboletas que adejam por entre os jardins libando o dulcido mel das flôres.

E Alzira! a gentil sensitiva porque não se reúne também com as affaveis companheiras para gozar da expansiva alegria que ali reina?!?

E' que a pobresinha, adoentada, abatida pelos sustos, enquanto as companheiras, cheias de vida e tão felizes, lá folgam, desveladamente, auxiliada por caridosa vizinha, trata do desditoso avô que, em consequencia do resfriamento da noite passada no cemiterio, prostrado pelos ardôres da febre, achase no leito...

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro, 1888.

(Continúa)

A Catharinense

A CARLOS DE FARIA)

E' como a trato.

Desde que a vi fiquei velando a sua imagem seductora.

Hontem, ella, a linda Catharinense, brincava á tardinha na calçada de sua casa...

O céo, essa pagina de luz e de mysterios, contornava-se de nuvens auriazuladas.

Uma voz sussurrante de vôos de rôlas fazia-se ouvir de dentro do quintal da casa da creança.

Fitando o sol, esse viajor que erra n'amplidão celeste, surgia do lado do levante a lua merencorea.

Reunidas, as aves do mar voavam na immensidade, que lhes é livre aos vôos...

As barulhentas ondas batiam em cheio na alvacenta praia; fazendo suspender espumas de crystaes.

— Que quadro bello, que quadro magnifico da natureza, exclamava eu. É a Catharinense brincava...

Que labios cheios de poesia, ornavam-na!

Os cabellos pretos cahiam-lhe nos mimosos hombros.

Os seus olhos fascinavam-me como duas estrellas!

O seu riso é doce, tão suave como uma composição de notas musicaes.

A voz suavissima e languida da graciosa creança era-me de uma vibração agradável, dava-me um bom tom ao ouvido, dir-se-hia que a creança tinha na garganta uma campã de crystal!

Por acaso consegui fallar-lhe.

— Então? A senhora passa bem?

E ella, ligeiramente acanhada, respondeu-me c'um sorriso.

De novo interroguei-a:

— Quem lhe deu este vestido tão bonito?

E a rir, timida, ella respondeu-me:

— Foi o papai...

Continuou a brincar. A sua boneca era um pouco deslumbrante de belleza. Cobria-a um vestidinho de setim amarello, scintillante!

Fiquei inteiramente admirado de vel-a alegre, brincando. Ella, porém, estava um pouco envergonhada por eu estar fitando-a com admiração.

Por um descuido eu vi lentamente a boneca ir cahindo...

— Catharinense! Catharinense! a boneca cahê!

Mas eu havia dito isto quando a boneca já estava em mil pedaços...

E a pobre creança pôz-se a chorar pela perda d'aquelle «ente» por quem vivia, por quem dava os seus affectos.

Quiz dar-lhe uma outra, mas a creança, a formosa Catharinense tornou-se rapidamente risonha, porque vio passar umas quantas meninas que sahiam da escola!...

SABBAS COSTA.

Desterro—19—Julho—88.

PFROLAS DE OPHIR

Sobre o tumulo de uma criança

Anjo que ás brancas rosas da innocencia, Do martyrio os espinhos enlaçaste, E a tenra, pura fronte engrinaldaste Aos albôres primeiros da existencia...

Foste qual lyrio de mimosa essencia!

A doce primavera não lograste!

Ai!—loura espiga que ao tufão vergaste

No começo da bella florescencia!

Sim; mas se o berço que cercavam flores,

Delirante deixaste d'improviso

Como se viras mais gentis primores,

Foi porque o mundo, embora tenha riso,

Prazer, delicias, mimos e dulçores,

— Nunca pôde valer um Paraizo!

DELMINDA SILVEIRA.

Desterro—1888.

Sou eu!...

Não sabes quem, saudosa, suspirando, Repete o nome teu, com voz magoada? Quem derrama da dôr o amargo pranto, E a vida sente triste e acabrunhada?

Não sabes quem, á noite, melancolica Contempla do luar dôces encantos? Quem, lamentando a sorte, delirante, Sente su'alma se esvahir em prantos?

Quem ainda, adorando-te em silencio, Sente seu coração por ti chorar, C'o peito cheio de febris affectos, Morre de angustias em feral penar?

Quem, chorando da noite co'as tristezas, Solta um canto de dôr e de lamentos? E na briza que foge manda aos ares O amargo suspirar de agros tormentos?

Quem soffre a ausencia de tua voz serena, Dos teus risos dinaes, meigos de outr'ora? Quem, soltando gemidos dolorosos, Sente a crença fugir, e triste chora?

Quem, nas horas da noite, vagarosas, Contemplando a luz frouxa do luar, Ouve das ondas o bramir saudoso, Passando a vida em languido scismar?

Quem, nas azas da briza perfumada A tua voz sonora ouvir parece? Quem, sonhando co'as rosas dos amores, Triste sem crença e em prantos adormece?

Sou eu...eu que por ti, perdida a crença, Sem esperanza e cheia de agonias, Vejo na dôr d'ausencia e da saudade, Ermos de luz, passarem os meus dias...

Eu, que por ti daria a propria vida, Eu, que por ti pereceria rindo, Eu, que por ti sinto faltar-me o alento Neste de amor por ti martyrio infindol...

UBALDINA DE OLIVEIRA.

Desterro, 14 de Julho de 1888.

Olhar de aguia

A' POETISA IBRANTINA DE OLIVEIRA

(Vendo o seu retrato)

De olhos fitos no ceu.. de olhar profundo, vês atravéz do prisma das chiméras todo o ideal suavissimo do mundo por sob a luz das tuas primaveras!

Scismas talvez nas claridões sinceras do sol—quê só em nós brilha fecundo—, enquanto como o rebentar das heras, tu'alma se abre e eu sigo-a e lhe circundo

de uma canção subtil... e perfumada como a das aves quando a madurgada inunda o Azul de virgens esplendores...

e fico a olhar-te n'uma linha recta, e assim também a alma do poeta se abre como a tu'alma... em sóes... em flôres!...

CARLOS DE FARIA.

Laguna, 17—Julho—88.

(Dos Meteoros.)

NOTICIARIO

DAMASCENO VIEIRA

E' este um dos nobres escriptores que melhor sabe dar merito á imprensa brazileira.

Nós, ainda que neophitos no trilho luminoso do jornalismo, tivemos a immensa gloria de receber, no dia 16 do corrente, uma carta d'este nobre talento, acompanhada de dois admiraveis livros do poeta: A MUSA MODERNA e AS NOITES DE VERÃO.

A carta que sobre a nossa meza de estudos litterarios lampeja tanto, rutila mais do que se fosse uma pagina do céu enluarda, anima-nos a seguir, dá-nos força de vontade para que paulatinamente adquiramos a acceitação, mas esta sincera e elevada ante a moral da sociedade.

Damasceno Vieira é escriptor, é escriptor de grande admiração, e como tal é consciencioso e respeitavel; não é «rabiscador» de papel: elle sabe como exercitar meios utilissimos á prosperidade de qualquer amator das letras; as suas acções intellectuaes são livres, mas de um modo que não está ao alcance de serem analysadas por todos.

E' um poeta originalista, pois que sempre burilla os seus versos com toda a expontaneidade fecunda na louza limpida e terna da alma.

AS NOITES DE VERÃO, que ha tempos lêmos, remetidas a esta redacção pelo inspirado poeta brazileiro Carlos de Faria, nosso correspondente na Laguna, é uma obra de purissimo agrado: ha n'ellas o resplandecer diaphano da luz da intelligencia.

A MUSA MODERNA, porém, nunca lêmos, a não ser agora, offerecida por dedicatoria especial do autor ao nosso «Crepusculo».

O autor, antes de começar as canções vibrantes de seus versos esplendidos, faz um pequeno «Estudo critico» de sua propria obra.

Ha nelles o verdadeiro meio de provar que nem todos os escriptores podem analysar obras litterarias.

«Ao escriptor escrupuloso, diz o poeta, merece sério cuidado a clareza do estylo. Grandes pensamentos expressos por demasiadas figuras de rhetorica prejudicam-se porque tornam-se ás vezes inintelligiveis.»

A poesia realista é uma das mais intimas expressões do sentimento.

«Cita-se, dizem os «Estudos Criticos», Jean Richepin como um dos poetas da mais genuina expressão realista. Fomos estudal-o em tres livros—«Les chansons des gueux», «Les carresses» e «Les blasplêmes». E' uma poderosa mentalidade, cheia de apaixonados transportes e de extranhas con-

cepções. A leitura de suas obras produz-nos vertigens como a contemplação de um abysmo profundo.

«Apezar, porém, da admiração que nos causa, não o podemos acceitar como modelo.»

A MUSA, de Damasceno, que nos encanta, nos alegra, nos seduz, nos fascina, é a verdadeira guia do valor á poesia. Não é amoroso, mas sabe causar impressões ardentes a todos que souberem comprehender as suas soberbas e inspiradas poesias.

Os poetas têm de ordinario uma particularidade que emociona a gente: Guerra Junqueiro, como critico, é notavel; Gonçalves Crespo, como amoroso, sublime!

Damasceno Vieira possui um patriotismo extraordinario.

A MUSA MODERNA, aonde encerram-se bandos de mirificos idoeias que primaverisam-nos, pyrolampejam-nos com primorosidade e esplendor, é na realidade uma perfeição da arte!

De ha muito, bandos festivaes de resplandecentes corôas de louros enfloram a fronte illuminadissima do poeta: quer pelo seu talento que é nobre, quer pela sua imaginação, que é radiante, quer pelo seu genio, que é intenso, e quer pela sua individualidade, que é um ornamento de glorias!

Tanto a MUSA MODERNA como AS NOITES DE VERÃO, que o distinctissimo poeta nos offertou, enchem-nos de jubilo, e o nosso reconhecimento encerra-se n'estas poucas palavras, como prova de apreço e respeito ao poeta, á cujo talento rendemos mil homenagens, a cuja criteriosa individualidade gloriosamente enviamos intimas ovações, tanto mais que a elle devemos um pouco mais a elevação d'este orgão litterario.

—Brevemente daremos publicidade á carta, unico meio de mostrarmos que temos admiradores sinceros, notaveis e conscienciosos.

E' bem possivel que tenhamos em breve o prazer de dar publicidade a artigos bem elaborados, vindos de conhecidas autoridades litterarias, como o eminente poeta Damasceno Vieira, que, estamos bem certos, nol-os dispensarão, porque sabem animar os pequenos e levantar os humildes.

Como noticiámos ha dias, terminamos hoje a publicação do romance—Ibrantina—original do nosso talentoso collaborador, o Sr. Ernesto F. Nunes Pires.

—Daremos no proximo numero a publicidade das fulgurantes—Noites de Verão—do illustrado escriptor brazileiro Damasceno Vieira.

São dignas «As Noites de Verão» de leitura, pois que possuem uma linguagem limpida e muito comprehensivel.

A's pessoas que amam este genero de leitura—o romance, que na realidade é um esplendido e agradável passatempo, recommendamos desde já esta obra prima de Damasceno Vieira.

Saudamos com prazer ao Sr. Deolindo Dutra, moço digno e sincero, por achar-se restabelecido dos seus encommodos physicos que o levaram por alguns dias ao leito.

ERRATA

No terceiro numero dos — Contos originaes —, onde se lê: «apresentando na aldeia», leia-se: — apresentando á aldeia.

ROMANCE

IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES

SEGUNDA PARTE

XI

Voltemos alguns mezes atraz e vejamos o estado em que encontramos Alfredo.

Alfredo, como sabem os leitores, era um rapaz bem nutrido, trabalhador e, além disso, gozava de vigorosissima saude, mas depois do adulterio de Ibrantina, de sua prisão e morte, na vida de Alfredo operou-se uma mudança extraordinaria. Esse rapaz folgazão e prasenteiro, anda hoje cabisbaixo e taciturno, e mesmo poucas vezes são de casa, e passa dias inteiros ao lado de sua irmã de nascimento e no soffrimento.

Rosalina, era justamente o contrario, passeava, ria e folgava, porque, dizia ella: «Não quero fingir o que sinto. Não quero que o tal Sr. Rogerio supponha que eu arrependi me do que fiz.»

O commendador Oliveira e sua mulher tinham perdido aquelle ar prasenteiro de outr'ora. Retiraram-se completamente do mundo das alegrias — e viviam em seu palacete, recebendo unicamente as visitas dos velhos amigos.

XII

Fallemos um pouco de Antonio de Castro.

O leitor sabe que Castro v io expressamente de Portugal, para assistir ao julgamento do assassino de seu pae, mãe e irmã; e, eis a razão porque o encontramos nas galerias da sala das audiencias juridicas.

Quem conhecesse Antonio de Castro antes do julgamento de Rodas ficaria sorpreso ao vêr a mudança noite, efreu.

Castro vivia triste e léste, retinguem vio um sorriso pairar-lhe, levantados, antes do terrivel mas justo cholica, ao que ha pouco presenciamos; ta de mil momento em que foi proferida a de Roge-

rio, uma gargalhada se fez ouvir e um bravo repercutio durante longo tempo n'aquelle recinto. Antonio de Castro enlunhára de prazer.

XIII

O céu, por mais puro que esteja, a tempestade o tolda; a noite também por mais escura e mais tempestuosa que esteja, o iris da bonança ha de dissipar as trevas e brilhar com todo o seu esplendor.

Alfredo, que se tinha entregado á sua dôr e desventura, ergueu-se d'aquelle abatimento e abriu os braços ao prazer. Logo aos primeiros passos dados nessa nova estrada encontrou a verdadeira ventura, a felicidade, um novo céu de alegrias: foi uma encantadora menina que, sem gestos estudados, prendeu-o.

Alfredo, depois de a contemplar por largo tempo, retirou-se. Em seu rosto já não via-se aquella mortal tristeza, aquella quebranto indefinível. Passaram-se assim alguns dias; Alfredo já sabia todas as tardes a passear, já ria, finalmente uma nova vida principiava a desabrochar-se.

Uma tarde Alfredo sahio cedo e quando voltou estava realmente satisfeito, satisfação de que todos ficaram atonitos. Entrou para seu quarto, chamou o seu criado e disse-lhe: José, diga a minha irmã que preciso fallar-lhe. O criado obedeceu, momentos depois soon no aposento de Alfredo uma gargalhada argentina, — era Rosalina que acabava de entrar.

— Então o que me queres, Sr. conquistador das moreninhas?

— Ora o que. Uma cousa simplissima, trata-se...

— De um novo casamento, já sei, e até sou capaz de apostar cem contra um, como conheço a gentil menina que fez reviver um coração que parecia morto...

— Então sabes quem é?

— Sei, e sei muito bem.

— Pois olha, se adivinhares quem é, dou-te um presente que tenho em minha secretária.

— Com certeza?

— Sim!

— Pois bem; essa menina chama-se...

— Chama-se?...

— Virginia...

— Não basta...

— Queres então sua gerarchia?

— Sem duvida.

— Virginia é filha de um ex-negociante.

Seu pae disponha de uma fortuna regular, mas, por transacções, ficou reduzido a uma pequena casinha na rua de Bragança. Sua mãe, D. Philomena, acostumada ao luxo, não resistio por muito tempo ás privações — enthisicou e morreu. Virginia ficou orphã. Cresceu. Um dia seu pae foi ameaçado pelos credores de tomarem-lhe essa pequena casinha. Louco de dôr, sabio de madrugada e...

— E?...

— Suicidou-se.

— Suicidou-se?!

— Não, foi, meu irmão.

— E por acaso quem é o algoz

d'aquelle

— Sei...

— Quem é?

— E'... E por acaso queres saber?

— Para nada, mas seu nome?

— Rogerio de Muret.
— Rogerio?! O condemnado?!
— Sim. O que queres fazer?
— Nada; porque aquelle miseravel sóbe amanhã ao cadafalso.

XIV

Voltemos atraz.

A loucura de Antonio de Castro foi declarada pelos medicos ser motivada por um acesso de inqualificável prazer, mas que ainda não sabiam o que produzira aquelle choque; mas que podia-se attribuir á sentença de Rogerio, e que aguardavam o dia da execução para verificarem se havia cura.

Não tendo havido appellação, foi Rogerio conduzido para o oratorio, sendo continuamente vigiado por seis sentinellas.

Passaram-se tres dias. No quarto dia sahio Rogerio do oratorio entre soldados, padres e cruces. Ia cabisbaixo. Trajava roupão branco e junto a elle estava um padre velho e um mascarado. Esse padre era o que costumava acompanhar os que iam ser executados, esse mascarado era o carrasco.

Rogerio, apesar de preocupado e triste não notava-se em seu rosto o menor signal de medo.

A razão era simples: o carrasco tinha sido comprado para botar-lhe no pescoço um « barço » que ao primeiro balanço arrebantasse, o réo cahisse e a bandeira de misericordia o cobrisse.

Como sabeis, quando ia ser executado um criminoso, e que por acaso a corda arrebantava, a bandeira de misericordia cobria-o e eram seus crimes perdoados.

Mas assim não deu-se.

Depois de uma breve oração, feita n'aquelle palco sinistro, Rogerio ergueu-se e disse ao carrasco:— Cumpra com o seu dever—.

O carrasco deitou-lhe o barço ao pescoço e dependurou-o na corda.

— Padre, disse o miseravel, um unico favor.

— Diga, filho.

— Conhece minha mulher?

— Não, filho...

— Olhe, vê aquelle carro?

— Vejo.

— Bem; aquelle carro é de minha mulher. Sei que contados são os meus momentos, mas antes de morrer, padre, eu quero fallar-lhe, preciso fallar á minha mulher. Vá, chame-a, padre.

— Mas... filho...

— Attenda-me, padre; é a minha ultima vontade...

— Mas, filho, as nossas leis prohibem.

— Pois bem; mais um crime commettei; não importa; e, essa vida, padre, é a vossa!

— Como?

— Assim; e em vaevem dado no ministrio do Senhor, precipitou-o do alto do cadafalso

XV

Momentos depois da queda do padre, o corpo de um homem cabia do cadafalso. Era o de Rogerio. Porém no momento em

que o carrasco ia ajoelhar-se em seus hombros, a corda partio-se.

— Salvo! gritaram os espectadores d'aquelle drama, que estavam mais distantes do patibulo.

— Morto! assassinado! responderam os mais proximos.

XVI

A loucura de Antonio de Castro tinha sido premeditada, porque, desconfiado de um trama, tomára aquelle deliberação para prevenir consequencias futuras.

Eis a razão:

Antonio de Castro tinha sabido que Rogerio comprara a policia e carrasco, para darem-lhe a corda com que devia ser enforcado, para que elle tivesse tempo de preparar qualquer expediente que approdesse-a, mas de maneira que não fosse visto. Ora, estando Castro prevenido disso, preparou-se, e no dia da execução do assassino de seu pae, mãe e irmã foi, munido do mesmo punhal com que tinha sido morto seu pae, postar-se debaixo da forca. No momento em que o carrasco empurrou-o, desembainhou o punhal e esperou com anciedade.

O corpo de Rogerio oscillou no ar por um momento e depois precipitou-se. Quando o grito « Salvo! Salvo! » fez-se ouvir, foi n'esse momento que Antonio de Castro, o louco, apunhalou a Rogerio com a mesma arma com que fôra morto seu pae, sua mãe e... sua irmã.

XVII

Já não é o grito de —salvo—que ouve-se repercutir na vasta praça em que estava o patibulo; é o grito de *assassinado!*

XVIII

Assim terminou Rogerio.

O decreto divino é irrevogavel: assassinou e morreu assassinado.

XIX

Antonio de Castro desaparecera.

A policia enviava precatórias para todos os lados; por toda a parte faziam-se indagações, mas tudo em vão.

Annos depois liam-se em todos os diarios da provincia de... esta curiosa noticia: « Encontrou-se assassinado um homem. Feito o exame, reconheceu se ser Antonio de Castro, o assassino de Rogerio de Muret, o vingador de seus paes. »

XX

Por causa de um homem perverso e de uma mulher de mãos sentimentos, quantas creaturas desapareceram do rol dos vivos!

Hoje, finalmente, vivem todos no santolar, no cálio remanso, com fé, com luz, com esperança!

FIM